

O porto e o Centro

Em recente matéria do Caderno 2.AG, com o título “Cidade Partida” (A GAZETA, 26/10/2009), lemos um debate entre arquitetos do meio acadêmico, da Prefeitura de Vitória e de outras instituições sobre o controverso tema da demolição de parte do conjunto de galpões do histórico Porto de Vitória.

A controvérsia foi ampliada por conta da atual proposta da Companhia Docas do Espírito Santo (Codesa) de demolir os galpões 4 e 5, como estratégia para ampliações futuras do cais comercial do porto. Independente da quantidade de propostas que existam para a reforma e até mudança de uso do espaço do porto, esta discussão serve para relembrarmos do velho debate (já indo para a caduquice) sobre a revitalização, ou como defendemos a requalificação do espaço urbano do Centro de Vitória.

Ainda estamos debatendo questões pontuais para esta região, enquanto não surja uma proposta factível de melhorias urbanas que tragam uma sobrevida para o centro histórico de Vitória. Os arquivos da Prefeitura e os das escolas de arquitetura de Vitória estão abarrotados de estudos, propostas e projetos completos com as mais variadas soluções.

Enquanto isso, o debate e as intervenções no Centro se limitam ao que se fazer com a região do Porto de Vitória, a reforma de fachadas, recuperação de alguns prédios antigos para serem transformados em moradia, criação de novos espaços públicos como o Tancredão, ou seja, um amontoado de intervenções descoladas entre si, do Centro e do restante da cidade.

Além disso, a proposta para o VLT (o também tão controverso metrô de superfície) surge desatrelada de um debate maior ou mes-

mo de uma proposta definitiva do que se quer para o Centro de Vitória. Tendo ou não o VLT, o Centro de Vitória ainda se caracteriza por ser um espaço de passagem quase obrigatória para outros municípios da Região Metropolitana, aonde se amontoam o transporte público local e o metropolitano, a sempre crescente frota de carros particulares, além de caminhões de transporte, o vai-e-vem de pessoas que se utilizam dos serviços da região, do seu comércio ou mesmo local de moradia.

O incentivo para levar as pessoas a morarem no Centro foi um dos poucos pontos positivos propostos e encampados pela municipalidade, pois somente com uma população residente e crescente no local é que se justificaria qualquer proposta de intervenção urbana.

Em outra matéria de A GAZETA, no domingo 1º/11/2009, vimos que o Centro já caminha para uma mudança de seu perfil. De lugar que foi perdendo sua vida noturna ao longo das últimas décadas em prol dos novos espaços da região Norte, para uma retomada através de seus antigos e novos moradores, de novos comércios e uma crescente gama de atividades culturais incentivados em grande parte pelo poder público.

Desafio maior será no futuro criar o elo entre o Centro e o restante da cidade de Vitória, principalmente com sua região Norte, que vem recebendo nestes últimos anos uma grande soma de intervenções urbanas - a Praia de Camburi, a Praça do Papa, a Ponte da Passagem e a Avenida Fernando Ferrari, que se somam às outras intervenções descoladas entre si e o resto da cidade.

■ ■ ■ Fabiano Dias é arquiteto e urbanista.

Artigo publicado no Jornal A Gazeta, seção opinião, pg. 06, em 07 de setembro de 2009.
OBS.: O título original deste artigo é “O porto, o centro e o debate” e foi alterado pelo editor da seção Opinião do Jornal A Gazeta sem comunicação prévia.